

# NOAS LITERÁRIAS

## IV



*“Tu que gostas dos pilriteiros,  
repara neste pilriteiro  
cor-de-rosa; como é bonito!\**”

Apreciação de leitura

Brasília, DF — agosto/2018

*Leio romances, porque por eles conheço  
o mundo, o homem, as nações, os povos  
e, ainda que ficção, alcanço o real.*

Leitor: Armindo Ferreira

\* do avô para o neto,  
*No Caminho de Swann*, p. 122.

## *Em Busca do Tempo Perdido*

Marcel Proust

Obra em sete volumes, cada qual com seu título específico. O primeiro foi publicado em 1913, o segundo, devido à guerra, em 1918, os dois seguintes ainda em vida.

Graves crises de asma, a vida esgotando-se, aplicou-se, tinha que terminar! Publicação póstuma, os três últimos.

É obra que marcou época, reúne-se ao que de melhor se escreveu no século XX. Leitura demorada, exige tempo, mas vale a pena! O autor encaixa-se no estilo impressionista. O impressionismo começou com um grupo de pintores, passando para as outras artes, inclusive para a literatura. Nesta, a linguagem literária não se preocupa com a realidade objetiva, e sim como ela é sentida pelo artista.

### *I – No Caminho de Swann*

Neste primeiro volume, o autor, à maneira de um bom pintor, compõe três quadros: Combray, Um Amor de Swann, Nomes de Terra: o Nome.

COMBRAY, pequena cidade da Normandia, primeiro quadro pintado com tintas vivas da infância. Ali vinha com os pais passar as férias na casa dos avós. Ali viu pela primeira vez Gilberta, seu primeiro e grande amor, e conheceu personagens que se fazem notáveis ao longo da obra: os Guermantes, o Sr. de Charlus, Saint Loup, Sra. De Villeparisis. Leve-se em conta que a obra, com narração na primeira pessoa, com facilidade incorpora narrador e autor.

E na recuperação do tempo que passou, tem-se uma preciosidade a facilitar a memória, simples, comum: as *madalenas*, signo da acuidade na “busca do tempo perdido”: “levei aos lábios uma colherada de chá onde deixava amolecer um pedaço de madalena. Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremeci, atento ao que se passava de extraordinário em mim” (p. 45).

Em UM AMOR de SWANN, o narrador raramente se faz presente e, talvez por isso, a narração, minudente, morosa, fica menos estimulante. Também aqui, por conta de Swann, à maneira das madalenas, tem-se “o andante da sonata para piano e violino” a recuperar em memória o tempo perdido: “eis que de súbito, após uma nota alta longamente sustida durante dois compassos, (...) ele reconheceu, secreta, sussurrante e fragmentada, a frase aérea e odorante que o enamorara” (p. 180)

Em NOMES DE TERRAS: O NOME, cidades cujos nomes que as designavam, faziam despertar sensibilidades afetivas, reconstruindo um mundo de vivências: “Mesmo na primavera, encontrar nalgum livro o nome de Balbec era o suficiente para me despertar o desejo das tempestades e o gótico normando” (p. 320).

O capítulo e o primeiro volume terminam com a manifestação melancólica de que as coisas são fugazes e que, inevitavelmente, vão ficando para trás: “Os lugares que conhecemos não pertencem tampouco ao mundo do espaço, onde os situamos para maior facilidade. Não eram mais que

uma delgada fatia no meio de impressões contíguas que formavam a nossa vida de então; a recordação de certa imagem não é senão saudade de certo instante; e as casas, os caminhos, as avenidas são fugitivos, infelizmente, como os anos” (p. 352).

(PROUST, Marcel. *No Caminho de Swann*. Trad. de Mário Quintana, Porto Alegre, Edit. Globo, 1957)

## *II – À Sombra das Raparigas em Flor*

Neste segundo volume o autor busca recuperar o tempo que corresponderia à adolescência. Volume sem capítulos, 421 páginas de leitura ininterrupta.

Por longo espaço ainda trata do relacionamento com a família Swann e do amor com Gilberta, até que este amor estiola e acaba. Parte então para Balbec com a avó, a pretexto de cuidar da saúde. E é aí que, em narrativa contínua, desenvolve dois importantes relacionamentos: o das raparigas em flor e o da Sra. De Villeparisis. O segundo incorpora a convivência com Sainte-Loup, e conhece o barão de Charlus, entrevisto rapidamente no primeiro volume. Com Sainte-Loup sedimenta afetiva amizade que se prolongará por este e outros volumes.

As raparigas em flor aparecem lá para as páginas 300. São as amigas adolescentes das quais se enamora em que, entre elas, Albertina e Andreia contam com a preferência: “As criaturas sobrenaturais que elas haviam sido um instante para mim, infundiam ainda, sem que eu soubesse, algo maravilhoso nas relações mais banais que

tinha com elas, ou antes, preservavam essas relações de terem jamais o que quer que fosse de banal” (p. 418)

(PROUST, Marcel. *À Sombra das Raparigas em Flor*. Trad.de Mário Quintana, Porto Alegre, Edit. Globo, 1960)

### *III – O Caminho de Guermantes*

Neste volume tem-se o relacionamento com o clã aristocrático dos Guermantes. Nobres orgulhosos, tanto da origem quanto da tradição: “toda essa gente pertence a uma outra raça, não se tem impunemente mil anos de feudalismo no sangue” (Swann, p. 454).

Assim o encontro conturbado com o Sr de Charlus em que o eu-narrador se depara com o caráter enigmático do personagem, cujo extraordinário perfil vai sendo construído.

Tem-se também o caso Dreyfus, constante ao longo do volume, com maior acento a partir da página 181.

(PROUST, Marcel. *O Caminho de Guermantes*. Trad. de Mário Quintana, Porto Alegre, Edit. Globo, 1957)

### *IV – Sodoma e Gomorra*

O autor-narrador descobre o que a ingenuidade não deixara descobrir até então: a homossexualidade do Barão de Charlus. O volume por inteiro tem por foco esse tema, a masculina e, como que por extensão, a feminina, daí o título.

O Sr. de Charlus e Morel! o amor do primeiro e o interesse esperto e oportunista do segundo. O pretexto a disfarçar o óbvio é o de o Barão proteger a arte: Morel é violinista.

Na figura de Albertina, a amada que o narrador pensa amar, concentra-se, mais por suposição ou desconfiança, a homossexualidade feminina.

O caso Dreyfus ainda ocupa grande espaço narrativo, agora com a possibilidade de revisão do processo.

(PROUST, Marcel. *Sodoma e Gomorra*. Trad. de Mário Quintana, Porto Alegre, Edit. Globo, 1957)

### *V – A Prisioneira*

Dá continuidade aos temas do volume anterior ligados a Sodoma e Gomorra. A narração desenvolve-se em torno dos personagens ali destacados. Albertina, a prisioneira (prazeres, ciúmes, suspeitas, mentiras); o barão de Charlus e o violinista Morel.

No segundo capítulo o Sr. de Charlus é submetido a vingativa humilhação pública; no terceiro Albertina abandona o amado de maneira definitiva.

(PROUST, Marcel. *A Prisioneira*. Trad. de Lourdes S. de Alencar e Manuel Bandeira, Porto Alegre, Edit. Globo, 1957)

### *VI – A Fugitiva*

Penúltimo volume, onde a “busca do tempo perdido” se acentua. A sonata de Vinteuil é revivida aqui e ali: “uma frase que se produzia durante a sonata, como aquele amor se produzira durante a minha vida” (p. 111). A volta à convivência com Gilberta, e a “recuperação” de tempo e circunstâncias de seu primeiro amor (p. 209 e s.).

Morreu Albertina, personagem que, a partir do segundo volume, assume importância singular em toda a obra, importância tão significativa quanto a do Sr. de Charlus. Personagens significativos no tocante ao tema Sodoma-Gomorra, a que o próprio eu-narrador, de maneira imprevista e de relance se inclui: “Que importância teria esse gosto para a Albertina? Que lugar ocuparia em suas preocupações? Ai de mim! Lembrando minha própria agitação, toda vez que reparava num jovem do meu agrado” (p. 99).

A morte da personagem leva o autor-narrador a um ato doloroso de introspecção e reflexão, em que a amada, agora morta, ganha estatura (p. 70 e s.)

A decadência da nobreza que, para continuar a existir à sombra de brasões antigos, inanes e ineptos, agarra-se a casamentos que tragam reforço a fortunas esgotadas. Nobreza cuja decadência se aviltava em vícios e perversão de costumes (cap. IV).

(PROUST, Marcel. *A Fugitiva*. Trad. de Carlos Drummond de Andrade, Porto Alegre, Edit. Globo, 1957)

## *VII – O Tempo Redescoberto*

O volume último é ímpar, é o epílogo, a chave de ouro a encerrar a obra. É o final do percurso na “busca” e recuperação do “tempo perdido”.

“E, sem dúvida, todos esses planos diferentes, segundo os quais o Tempo, desde que, nesta festa, eu o recapturara, dispunha a minha vida, aconselhando-me a



recorrer, para narrar qualquer existência humana, não à psicologia plana em regra usada, mas a uma espécie de psicologia no espaço, acrescentavam nova beleza às ressurreições por minha memória operadas enquanto devaneava a sós na biblioteca, pois a memória pela introdução, na atualidade, do passado intacto, tal qual fora quando era presente, suprime precisamente a grande dimensão do Tempo, a que permite à vida realizar-se” (p. 239)

No último capítulo, “A recepção da Princesa de Guermantes”, redescobre, em si mesmo, o passar do tempo, ao testemunhar, nos outros, os efeitos deletérios, como em Chalus, d’Argencourt, duques de Guermantes, Legrandin: “não verificamos o nosso próprio aspecto, a nossa própria idade, mas cada um, como um espelho, refletia os dos outros” (p. 167).

Tomado por uma certa nostalgia de um fim que estava por acontecer, mas que sabia certo e próximo, preocupou-se com o desenvolver e terminar a obra.

“Certo, pretendia recomeçar no dia seguinte, desta vez visando a um fim determinado, a viver na solidão. Nem em casa receberia nas horas de trabalho, pois o dever de realizar a minha obra superava o de ser polido, ou mesmo compassivo” (p. 207)

(PROUST, Marcel. *O Tempo Redescoberto*. Trad. de Lúcia Miguel Pereira, Porto Alegre, Edit. Globo, 1958)

\*

## *Todos Seremos Irmãos*

Johannes Mario Simmel

Ⓐutor austríaco, nascido em Viena (1924 – 2009). Deixou extensa lista de obras, algumas muito conhecidas: *Nem só de caviar vive o homem*, *Não matem as flores*, *Ninguém é uma ilha*, e a própria.

Esta começa por um enigma que só se esclarece nas últimas páginas. Nas 35 primeiras, alguém contrata um assassinato em que a vítima (hipótese que de imediato se apresenta) é o próprio contratante. Isto é, por razões muito fortes fulano precisaria morrer, e o suicídio ficaria mais fácil mediante a ação de outrem. Eis o suspense que acompanha o leitor página a página.

A obra consta de quatro partes: Primeiro movimento: *Allegro ma non troppo, um poco majestoso*; Segundo movimento: *Molto vivace*; Terceiro movimento: *Adagio molto cantabile*; Quarto movimento: *Presto*.

A razão desta divisão, própria de uma sinfonia, é que participa da trama uma partitura da *Nona Sinfonia* de Beethoven. Citada várias vezes, tem a função de servir, em momento crítico do enredo, de sinal a identificar duas pessoas. A partitura era uma peça rara e valiosa por constar nela um defeito: “No coro final do quarto movimento, cujo texto era emprestado da *Ode à alegria*, de Schiller”, faltava um verso “Todos seremos irmãos”. Daqui o título da obra.

A história transita pelos conflitos da Segunda Guerra Mundial, Guerra do Vietnã e a Guerra de Israel, a que envolveu Egito, Jordânia e Síria. O ponto central é a caça a criminosos que participaram do extermínio nos campos de concentração nazistas.

Uma curiosidade na obra é que a maior parte do elenco são personagens maus, com falhas de caráter. Nenhum é herói a servir de modelo, inclusive o protagonista. Faz-se concessão a Tiny, generoso; Minski, leal; Paradin, correto.

(SIMMEL, J. Mario. *Todos Seremos Irmãos*. Trad. de Erika F. E. Rizzo, São Paulo, Círculo do Livro, s/d).

## *Criança 44*

Tom Rob Smith

O título chama a atenção. 44 perfazia o número de crianças assassinadas por mente doentia, que ao final do romance é revelada.

A trama é macabra, desenvolvida em ritmo frenético como pesadelo, sem descanso para o leitor.

Intencional ou não pesa o viés a caracterizar o regime soviético de Stalin em cores negras de despotismo desumano. Década de 1950, vivia-se o totalitarismo da União Soviética em que Deus é o Estado. Por conseguinte, não havia cidadãos, havia indivíduos submissos, submetidos ao pavor de um poder que paira sobre a cabeça de todos e em que a prepotência é total. Indivíduos cujo relacionamento, ditado pelo medo, a todos faz covardes e todos são adversários.

A obra cria uma realidade que, supondo-se ou admitindo-se ter sido a verdadeira, ou próxima da verdade, colocaria, por comparação com a realidade soviética, a realidade alemã de Hitler em plano superior, considerando-a altamente civilizada (à parte a perseguição dos judeus).

A leitura faz-se veloz porque o leitor quer descobrir o assassino e, mais do que identificá-lo, saber a razão do desatino. A solução da trama está exatamente nessa descoberta, quando as pontas se encontram: o final retoma o começo e retorna ao primeiro capítulo com Pável (Liev) e Andrei.

É uma obra em que não há personagens que favoreçam a empatia. Mesmo os “heróis” Liev e Raíssa não chegam a estabelecer o vínculo da solidariedade.

(SMITH, Tom Rob. *Criança 44*. Trad. de Beatriz Horta Correa, Rio de Janeiro, Record, 2008).

